

Graduada em Letras pela Faculdade de filosofia,
Ciências e Letras de Araxá.
Especialista em Língua Portuguesa e
Mestra em Lingüística pela Universidade Federal de Uberlândia.
Coordenadora do Curso de Letras e Professora
no Centro Universitário do Planalto de Araxá - UNIARAXÁ

SILVA. V.L.P. (UFRJ). Quando escrita e fala se aproximam: o uso do pronome da terceira pessoa em cartas pessoais. In MACEDO. A. T. RONCARATI. C. MOLLICA M. (orgs.) **Variação e Discursos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Neste trabalho sobre o “Uso dos pronomes de Terceira Pessoa”, SILVA (1996) partiu de uma amostragem de língua escrita informal: 70 cartas pessoais de cariocas jovens e adultos, todos com escolaridade mínima de segundo grau. A autora apresentou algumas condições de ocorrência dessas formas verificadas no **corpus** examinado, para apontar as limitações de uma análise de caráter estritamente formal, que apenas leve em conta a ocorrência do pronome na relação entre orações. Nesse sentido, parte de Bolinger (1979), que destaca a importância de se considerar os condicionamentos discursivo-pragmáticos na escolha entre os nomes e pronomes no discurso.

Os pronomes de terceira pessoa são associados ao seu papel de representantes ou substitutos do nome e são distintos claramente dos pronomes de primeira e segunda pessoa porque não fazem parte do discurso propriamente dito. A autora lembra as palavras de Benveniste (1975): a terceira pessoa é a não-pessoa, “o membro não-marcado da correlação de pessoa”, um não participante do discurso (...).

SILVA apresentou evidências para confirmar o uso do pronome de terceira pessoa e suas variações de acordo com as considerações apresentadas nos seguintes tópicos:

- Referência Exofórica e Endofórica.
- Entidades Novas Inferíveis e Evocadas.
- Sujeitos Inferíveis na Escrita.

Trabalhando-se com Referência Exofórica e Endofórica, foi observado que o nome e pronome podem ser formas alternativas de menção a um mesmo referente, sem com isso afetar o valor de verdade de um enunciado.

Para uma explicação mais clara, o exemplo abaixo ilustra bem esta situação endofórica:

(1) Falei com sua mãe e ela contou que o Roberto teve problemas. (BE p.1).

A Referência endofórica (textual) da terceira pessoa refere-se anaforicamente a um item precedente no texto. No exemplo (1), o pronome “ela” refere-se ao nome mãe, ou seja, a um item precedente no texto, referente à primeira menção.

Já na referência exofórica, captada no contexto situacional, pode haver pronomes de terceira pessoa usados para a primeira menção (sem um item precedente) de um referente porque o contexto situacional supre informações ausentes no texto. Veja por exemplo:

(2) Ele acaba sempre nos encontrando!

Analisando o exemplo (2) constata-se uma referência exofórica contextualizada em relação ao falante ouvinte. Nesse caso bastaria que se criassem condições de interpretação a partir de certos “estereótipos culturais”. Há um conhecimento partilhado entre os participantes do discurso.

Na escrita, o uso do pronome, em princípio, estaria condicionado ao uso prévio do nome, tendo, portanto, valor anafórico. Porém o que se percebeu foi o uso, também, fora desse padrão.

No segundo tópico Entidades Novas, Inferíveis e Evocadas, observa-se que estas questões dizem respeito ao fluxo de informações, como essa informação transmitida de acordo com as expectativas do emissor sobre como o destinatário vai processar as informações recebidas. É necessário que se faça a distinção entre informação velha (conhecida, evocada, já previamente dada) e informação

nova (desconhecida, introduzida pela primeira vez no discurso).

Esta distinção clássica é enriquecida na taxonomia de Prince (1981) ao acrescentar um nível intermediário – o das entidades inferíveis – para dar conta de entidades ainda não introduzidas no discurso, mas deduzíveis a partir de outras entidades já mencionadas ou de esquemas cognitivos do destinatário.

Com base nessa classificação, observa-se que há posições preferenciais para conduzir o fluxo de informação no discurso. A introdução de entidades novas não se faz com frequência na posição do sujeito, normalmente a posição inicial da frase, mas em outras posições, como no exemplo (1) acima.

No corpus analisado, observou-se uma peculiaridade: grande contingente de sujeitos novos. Desses casos, muitos são representados por sujeitos pospostos, como no exemplo abaixo:

(3) Aqui tem passado um anúncio da semana da Pátria onde aparece uma mãe e dois filhos. (...) (BE p.3).

No entanto, há uma especificidade de textos como cartas pessoais que favorecem a ocorrência na posição canônica, de sujeitos de entidades. Estas entidades que, embora ainda não introduzidas no discurso, podem ser identificadas, como no exemplo a seguir:

(4) A Maria, sempre entusiasmada com a medicina, me escreve sempre que tem tempo. (SI p. 2.)

O que se constatou no exemplo (4) é que o nome próprio do referente facilita a identificação entre falante/ouvinte.

O **corpus** que serviu de base a esta pesquisa é composto da correspondência pessoal de amigos e parentes que mantinham entre si um contato epistolar relativamente constante. Portanto, pode-se observar uma espécie de cumplicidade, resultante da referência a um universo opaco, fechado ao pesquisador. Assim, o pesquisador sente-se com dificuldade para examinar o **corpus**, a não ser que entrasse em contato com os investigadores.

No tópico Sujeitos Inferíveis na Escrita, merecem tratamento à parte as chamadas entidades inferíveis, ou seja, aquelas que o destinatário pode identificar por dedução a partir de outros referentes, já introduzidos no discurso.

Segundo Kroch (1982) as entidades inferíveis, enquanto intermediárias entre as novas e as evocadas, guardam semelhanças com ambas: com as evocadas, por já fazerem parte do modelo discursivo: com as novas, por não terem ainda surgido no texto. Dependendo do canal usado, os inferíveis vão se aproximar mais de novos (escrita) ou de evocados (fala). Por essa razão, é natural que num **corpus** de escrita (ainda que informal), a taxa de pronominalização de inferíveis é baixa. Isto acontece porque o processo de pronominalização se aplica a entidades já introduzidas no discurso.

Na pesquisa de SILVA, os sujeitos inferíveis realizaram-se principalmente com SN, mas também como pronomes, ou mesmo anáforas zero. A autora mostra que os casos de representação de inferíveis por pronomes, apesar de representar 5% sobre o total de sujeitos

pronominais de terceira pessoa, é importante comentar o exemplo:

(10) Quanto à Heloísa, está curtindo demais ser mãe, ele tá uma graça, está 7 kg 600 (...) Sl.p.1)

No exemplo (10), fica bem claro para qualquer leitor, a relação do referente do pronome **ele** com a moça anteriormente mencionada, e, apesar de não, haver anafórico, pode-se atribuir um papel de coesão ao pronome. Também outras ocorrências foram apresentadas e outros exemplos trabalhados mostrando que a referência, às vezes, só é recuperada num contexto mais distante.

Para interpretar o pronome de terceira pessoa nem sempre basta examinar as posições estruturais ocupadas pelos referentes na oração anterior. No português escrito informal, mesmo de pessoas com grau de escolaridade alto, e até em escritores consagrados da literatura brasileira, o pronome de terceira pessoa também aparece em referências que não podem ser recuperadas a partir das orações imediatamente precedentes.

Assim, uma análise puramente formal pode ser limitada porque não leva em conta as condições discursivo-pragmáticas. De fato no **continuum** representado por fala/escrita, não se podem enumerar características de uma ou outra modalidade sem levar em conta o tipo de discurso em questão.

No **corpus** trabalhado pela autora, o grau de intimidade entre os correspondentes e a familiaridade do assunto tratado é que determinam a identificação ou não do referente, a posição do referente dá ao emissor a garantia

de que as pistas deixadas no texto são suficientes para que seu discurso seja recuperado satisfatoriamente pelo destinatário.

O **corpus** escolhido pela autora (cartas pessoais) possibilita uma reflexão no campo discursivo através de esquemas e recortes possíveis de serem trabalhados na informalidade do discurso aproximando escrita e fala e mostrando as escolhas do referente na avaliação do emissor.

Araxá - MG

Luíza Elena de Castro Rios